

# Diversão & Arte

» FERNANDA GOUVEIA\*  
» NAUM GILÔ\*

Em 13 de julho de 1985 acontecia o festival de música *Live Aid*, com shows simultâneos em Londres, na Inglaterra, e na Filadélfia, nos Estados Unidos. O objetivo do evento era combater a fome na Etiópia e contou com diversos nomes reconhecidos do rock, como Led Zeppelin, Queen, David Bowie, Elton John, entre outros. Phil Collins, um dos artistas convidados, chegou a declarar publicamente que a ideia era que o dia 13 de julho se tornasse o Dia Mundial do Rock, feito obtido com sucesso. O estilo remonta aos idos de 1950, Elvis Presley massificou o ritmo, mas de lá pra cá, muita coisa mudou. De um som típico de adolescentes, o rock fidelizou públicos de todas as idades e em todo o planeta. Tanto que em Brasília, por exemplo, se tornou um traço da história e cultura locais e é por isso que neste dia 13 de julho, o *Correio* traz algumas percepções de artistas da cidade e do cenário nacional sobre como o gênero musical sessentão viceja na capital federal e no país.

O ceilandense Ari de Barros é uma das figuras que conhece bem a trajetória do rock em Brasília. Na verdade, como um dos fundadores do tradicional Festival Revolução e Rock (Ferrock), que dá nome à praça onde ocorreu a primeira edição do evento, ainda em 1986, no P Norte, Ari tem sua trajetória pessoal e profissional entremeada pela evolução da música no DF. Atuando como produtor musical, ele reclama de quem diz que a história local começou a partir do Aborto Elétrico, nos anos 1980. Para ele, Matuskela, Os Quadradoes, Os Primitivos e Elson 7 são alguns dos nomes que ele considera como precursores do rock brasileiro ainda nos anos 1960 e 1970.

Ele analisa que esses grupos já se espelhavam no fenômeno do momento. Internacionalmente, os Beatles estavam no ápice e no Brasil, quem dava o ritmo era a Jovem Guarda. A banda Matuskela começou a embalar bailes e festas da cidade em 1967. Segundo Anapolino, guitarrista e fundador da banda, Matuskela foi a primeira banda brasileira a gravar um LP totalmente autoral.

O álbum em questão leva o mesmo nome da banda e foi lançado em 1973. Lino, como é mais conhecido na cena, confessa que tem sido procurado por gravadoras para um relançamento da obra. Na internet, é possível encontrar exemplares do LP no valor de até R\$ 4.700 para venda. Apesar de considerar Brasília a capital da música, pela diversidade de ritmos, o guitarrista vê problemas atualmente. “O rock não está conseguindo acompanhar as novas linguagens da juventude. Está defasado”, define.

## Que país é esse?

Nos anos 1980, o rock dominou o cenário musical do país com bandas que cantavam letras influenciadas pela situação política e social da época, no contexto da ditadura militar. Na capital, foi o momento da formação de grupos que construíram carreiras sólidas e que ressoam até os dias de hoje. “Isso veio do inconformismo e da inquietação de uma juventude aqui em Brasília”, opina Philippe Seabra, vocalista e guitarrista da banda Plebe Rude, que nasceu em 1981 como um grupo de punk rock com várias críticas sociais nas composições.

A banda Capital Inicial também surgiu nesse cenário com os irmãos Fê e Flávio Lemos, após o encerramento do grupo Aborto Elétrico, no qual os artistas participavam ao lado de Renato Russo e André Pretorius.

Com 15 álbuns de estúdio, Dinho Ouro Preto, os irmãos Lemos e Yves Passarel seguem até hoje com o grupo. “É difícil saber exatamente a importância do seu legado, o que a gente vê hoje é que, passados tantos anos, essas canções todas da nossa geração continuam vivas. Elas fazem parte da memória afetiva dos brasileiros”, declara Dinho Ouro Preto sobre o reflexo do Capital Inicial em outras bandas brasilienses.

Perguntado se ainda considera Brasília a capital do rock no Brasil, Ari de Barros, fundador do Ferrock é enfático: “Absolutamente sim! Ainda temos um número expressivo de festivais voltados para o gênero. Acho que deveria haver uma organização para que produzíssemos um catálogo com todos esses eventos. Brasília tem potencial para ser um polo turístico do rock”, argumenta.

## Música que permanece

Paulo Veríssimo, integrante da Quatro estações — considerada uma das maiores bandas cover nacional da banda Legião Urbana — acredita no poder dos grupos de Brasília para o cenário do rock nacional. “Essas bandas são muito importantes porque elas abriram o caminho para todas as outras que vieram depois. Elas ainda existem, a Legião é cultuada até hoje, os Paralamas e Capital estão na ativa, além de Plebe Rude, Raimundos. Graças a essas bandas, o rock brasileiro se fortaleceu muito e eu acho que elas vão durar por muito tempo”, declara Paulo. Além do grupo cover, o artista possui outros projetos autorais, como a banda Distintos Filhos, com mais de 15 anos e dois discos lançados, e a Rockália, que mistura o ritmo do rock com o carnaval.

A banda Rock Beats também está presente no cenário brasiliense há 16 anos e aposta na mistura entre covers de sucessos do gênero e composições autorais. Daniela Firme, vocalista do grupo, acredita no objetivo de trabalhar com disciplina para renovar o rock e mostrar novos talentos. “Na pandemia, a gente está gostando muito de reunir pessoas do Brasil inteiro que gostam de rock. Assim, por meio das lives, nós levamos música para a casa das pessoas com uma boa frequência e com o esforço de trazer novidades. Nosso objetivo é fazer um trabalho com consistência para mostrar a nossa qualidade musical, de composições e muita vontade de levantar as bandas de rock”, afirma Daniela. A Rock Beats realizará uma live em comemoração ao Dia Mundial do Rock, neste sábado, às 17 horas, no canal do YouTube da banda (@ontherocksdf).

Pós-New/Divulgação



Plebe Rude - 1981

Pós-New/Divulgação



Legião Urbana - 1981

Luiz Marques/CB/D.A Press



Capital Inicial - 1985

Reprodução da Internet



Aborto Elétrico-1978

# O BOM



MADURO, O GÊNERO DISPUTA A PREFERÊNCIA DE PÚBLICOS JOVENS, E LUTA PARA SE CONECTAR COM AS REALIDADES QUE PODERM ALIMENTAR O ESPÍRITO CONTESTADOR

# E VELHO



**Essas bandas são muito importantes porque elas abriram o caminho para todas as outras que vieram depois.**

Paulo Veríssimo, integrante da banda Quatro estações

Bruno Peres/Esp. CB/D.A Press



Ari de Barros

Reprodução



Capa do álbum Matuskela de 1973

Bruno Cavalcanti/Divulgação



Rock Beats

## Autocrítica

Vocalista do Detonautas Rock Club, Tico Santa Cruz enxerga algumas urgências para o rock nacional. Para o artista, o rock corre risco de virar um gênero elitizado, principalmente porque não está havendo um diálogo com a juventude, que é, segundo ele, quem dá o gás para o sucesso. Outro ponto levantado pelo cantor é que muitos rockeiros não se enxergam como classe trabalhadora e acabam se identificando com uma elite mais conservadora. Para ele, essas características explicariam a guinada do gênero para a direita do espectro político no Brasil. “Se o rock não se renovar, com a adesão de pessoas LGBTQI+, mulheres, pretos e periféricos, ele vai se afastar cada vez mais do público. Nas plataformas digitais já vemos que o rock está bastante segmentado. Não está sendo um bom momento para o gênero no Brasil”, pondera.

Tico está na leva de grupos nacionais que têm alinhado suas músicas com discursos políticos mais contundentes. Com críticas ao atual governo, lançou o single *Roqueiro reaja*, uma crítica aos roqueiros reacionários que, segundo o vocalista, proliferam dando voz a “autoritarismo e a negação”, como diz a letra da música. A faixa está incluída no politizado *Álbum Laranja*, que vai ser lançado pela banda em 23 de julho.

\*Estagiários sob a supervisão de Juliana Oliveira

# ROCK'N ROLL